

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

WIR 00001

Fonte: Journal de Brasil

Data: 20/02/70

Alcool e doenças dizimam os quiriris que são 600 e vivem a 293km de Salvador

Salvador (BA) — O álcool e as doenças estão dizimando os quiriris, pequena tribo — 600 índios — localizada a 293 quilômetros de Salvador, nas proximidades de Ribeira do Pombal. As mulheres mais jovens se tornam domésticas nessa localidade, enquanto as mais velhas e os homens perambulam bêbados pelas ruas da cidade.

As crianças quiriris morrem de uma variedade de doenças. A tribo vive a 12 quilômetros de Mirandela, vila próxima de Ribeira do Pombal, e a 1502 quilômetros do Rio de Janeiro. Abandonando o artesanato, gradativamente, eles só deixam de beber quando vão à caça ou à pesca na lagoa Grande, perto da aldeia. O único esforço governamental para preservá-los é o envio periódico de um representante da Funai, preocupada em manter as suas reservas.

MORTE

De cada 10 crianças nascidas na aldeia, oito morrem antes de completar um ano de idade. Todos os quiriris sofrem de verminose, denunciada pela amarelidão da sua pele. As doenças são atribuídas aos espíritos e a cura é tentada com folhas e raízes pelos mais velhos. Os que escapam de morrer, quando criança ou pelo álcool, conseguem chegar até aos 80 anos. Mas são poucos.

Quando conseguem algum dinheiro os quiriris vão à vila de Mirandela, embriagam-se, provocam desordens, são presos e devolvidos à aldeia no dia seguinte pelo delegado de polícia local. Além de álcool, os índios usam o fumo de corda em abundância "outro hábito introduzido pelo branco que colabora indiretamente para a sua extinção."

Vivendo em ocas, ao lado de barbeiros, que ainda não acabaram com a tribo porque não são infectados, os quiriris usam o badoque (estilingue) e o arco e a flecha para as caças de peixe (patos selvagens) e peixes na lagoa Grande.

O artesanato limitava-se ao cacuá (cesto grande) e à cesta de cipó-verdadeiro, vendidas na feira de Ribeira do Pombal. Hoje não fabricam mais nada. Mesmo por encomenda, ainda relutam em voltar aos instrumentos de trabalho.

Nas fazendas de Maçaracá os quiriris já começam a se empregar na lavoura, ganhando dois cruzeiros novos por dia útil de trabalho. Descontado um cruzeiro da alimentação, ficam com NCR\$ 25 para queimarem no álcool. O seu almoço é um prato de feijão e trabalham das seis às 18h.

A tribo quiriri está hoje reduzida a 600 índios, assim distribuídos: 300 em Maçaracá, 200 em Lagoa Redonda e 100 em Lagoa Grande. O último estudo sobre esses índios foi feito pelo advogado João Dantas Costa, quando estudante. Hoje ele atua em Ribeira do Pombal e é considerado protetor dos quiriris.

A região dos quiriris, em meados do século XVII, integrava o vasto território pertencente aos D'Ávila, da Casa da Torre, que combateram em seus domínios as

missões religiosas da época por se considerarem prejudicados em seus direitos.

Em 1675, Francisco Dias D'Ávila prometeu ajuda às missões, facilitando o desenvolvimento da região. Em 1667 os jesuítas João de Barros e Jacó Rolando construíram uma capela dedicada a Santa Teresa de Jesus e começaram a catequese dos índios. No local fica hoje o Município de Ribeira do Pombal, Nordeste baiano. Os quiriris estão bem afastados.

A Funai determinou que num raio de seis quilômetros em volta da torre da Igreja da vila de Mirandela ninguém pode tocar nas terras dos quiriris. Para explorá-las é preciso pagar foro aos índios. Antes, quem tivesse escritura da época do Império podia recuperar as terras da região. Como ninguém as tinha, o Governador Góis Calmon assegurou a sua posse pelos índios, através de decreto.

A população da região chama os quiriris de caboclos, embora eles sejam índios puros — exceto os filhos dos que se casaram com negros ou mulatos. Falam português. Os seus casamentos são celebrados em ritual índio pelo cacique, que mora em casa de tijolo e telha e possui a sua roça própria, ao contrário dos demais.

O advogado João Dantas Costa defendeu o índio João da Silva que em 1967 matou um companheiro que havia atingido a sua mãe com um pedaço de madeira, o qual, segundo contam, estava bêbado. Condenado a dois anos de reclusão, João da Silva hoje é pedreiro e, aos 25 anos, é considerado um cidadão exemplar.

Os habitantes de Ribeira do Pombal, contudo, temem que a criminalidade aumente entre os quiriris. Um índio da tribo encontra-se na cadeia pública da cidade aguardando julgamento por ter assassinado a esposa. Estava bêbado. Por isso, todos eles são chamados pela população de fogo-pagou (pomba carcével, também chamada de fogo-apagou): índia velha que vive bêbada pelas ruas, perseguida pelos melinês que lhe jogam pedras ou fazem algazarra quando ela passa.